

HISTÓRIA, RELIGIOSIDADE, ETNICIDADE, ECUMENISMO E VOCABULÁRIO LITÚRGICO

RELIGIOSIDADE E IDENTIDADE: OS UCRANIANOS DA COLÔNIA LEGRU

Religiousness and Identity: The Ukrainians from Legru Colony

Neomir Doopiat Gasperin¹

RESUMO: A Colônia Legru está localizada no Município de Porto União na região norte do Estado de Santa Catarina. É formada por descendentes de imigrantes ucranianos e poloneses. Atualmente predominam os ucranianos. O primeiro grande grupo de imigrantes ucranianos chegou em 1896 e começaram organizar seu mundo religioso em torno da construção de igrejas para celebrar cultos conforme suas tradições trazidas da Ucrânia. A reconstrução do mundo religioso exerceu um papel importante na preservação da religiosidade, do rito, dos costumes e da cultura. O objetivo desta comunicação é analisar a importância que a religiosidade desempenhou na manutenção e preservação da identidade da colônia e dos descendentes de ucranianos. Os procedimentos metodológicos para tal realização foram bastante diversos: pesquisa bibliográfica, pesquisa de campo, conversas informais, coleta de documentos e fotografias antigas e, entrevistas com os moradores.

PALAVRAS-CHAVES: Ucranianos, Colônia Legru, Mundo religioso, Identidade.

ABSTRACT: The Legru Colony is located in the Porto União municipality at northern region of Santa Catarina state. Is formed by immigrants Ukrainian and Polish descendants. There are presently predominance by Ukrainians. The great earliest Ukrainian immigrants groups arrived on 1896 and around of the churches construction they started to organize his universe of religious and in order celebrate their service according to Ukraine traditions where they brought. The reconstruction universe of the religious has an important role to religiousness, rite, customs and culture preservation. The purpose of this announcement is to analyze the importance of religiousness performed to maintenance and preservation the colony identity and the Ukrainians descendants. Had the such various methodological procedures to realize this work: bibliographical research, field research, informal conversations, documents and antique photographs collecting, and dwellers interviews².

KEYWORDS: Ukrainians, Legru Colony, universe of religious, identity.

¹ Estudante de Teologia no Claretiano – Centro Universitário. E-mail: neomirg@hotmail.com

² Tradução de David Maria Barreto, seminarista Claretiano, natural de Timor Leste – Sudeste Asiático.

Religiosidade e Identidade: os ucranianos da colônia Legru têm como objetivo analisar a importância que a religiosidade desempenhou na manutenção e preservação da identidade da colônia e dos descendentes de ucranianos.

Antes de analisarmos diretamente o assunto acerca da organização e importância deste mundo religioso, apresentaremos um breve esboço sobre a fundação e localização desta colônia, a instalação dos imigrantes e a união do grupo em torno de um centro religioso e cultural.

Em seguida abordar-se-á com base no autor Mircea Eliade o processo de escolha e consagração do espaço sagrado; a construção da igreja; o depoimento de pessoas entrevistadas; a manifestação da religiosidade no cotidiano; a importância da organização do mundo religioso e os benefícios obtidos; a influência da cultura espiritual nas famílias; influência do calendário litúrgico e as principais festas religiosas.

Referimo-nos a Mircea Eliade com o intuito de obtermos uma melhor compreensão e explicação deste fenômeno espiritual dos ucranianos, pois, é considerado o maior historiador das ciências da religião. Um grande estudioso e conhecedor das religiões orientais, dentre elas a bizantina, da qual a ucraniana é uma ramificação.

1 ASPECTOS HISTÓRICOS E ORGANIZAÇÃO DO MUNDO RELIGIOSO

1.1 Fundação e localização da colônia Legru

A Colônia Legru está localizada no Município de Porto União na região norte do Estado de Santa Catarina. É formada por descendentes de imigrantes ucranianos e poloneses. Atualmente predominam os ucranianos. Os primeiros imigrantes chegaram na colônia Legru em 1891, eram sete famílias: cinco famílias ucranianas e duas polonesas. A fundação da colônia ocorreu em 1896, quando um grande grupo se estabeleceu, povoando-a totalmente.

O nome “Legru” deve-se a um engenheiro francês Hector Legru, responsável pela Companhia da Estrada de Ferro, que na colônia chegou em 1907.

Prova da sua fundação encontramos na própria igreja ucraniana da colônia: Igreja São João Batista, onde existe um marco de madeira todo trabalhado contendo as inscrições na própria língua dos imigrantes, datando o início da povoação na data já mencionada (1896) e a fundação da igreja em 6 de maio de 1904.

Os imigrantes que nesta colônia se estabeleceram passaram por varias dificuldades; não encontraram a realidade descrita pelos propagandistas da imigração, porém, o desejo de melhores dias vindouros os motivou a seguir avante no seu processo de reconstrução de suas vidas e de seu mundo religioso e cultural.

1.2 A instalação dos ucranianos

Os ucranianos que chegaram à colônia Legru, encontraram apenas uma natureza hostil e montanhosa. Aos poucos tiveram que ir domesticando o lugar. O imigrante viajava em meio às montanhas e matas, enfrentando chuvas e estiagens, calor e frio. Paulina Holovate relata-nos, que os ucranianos da colônia Legru, devido ao acidentado relevo do lugar e os trabalhos forçados, andavam com feridas nos ombros e pés. Eram muitos os obstáculos que encontravam pelo caminho, mas tudo isso valia a pena em troca de um pedaço de terra, liberdade e esperança em uma vida melhor.

Aos poucos, nas clareiras abertas, surgiram as primeiras lavouras e as primeiras casas dos imigrantes: casebres feitos à base de “pau-a-pique”, troncos de árvores e xaxins amarrados com cipós e cobertos com folhas de taquara e palmeiras. Assim se formaram os primeiros abrigos dos imigrantes contra o frio, a chuva e contra animais selvagens. Mais tarde, no lugar desses casebres, começaram surgir às primeiras casas de madeira e, aos arredores, a propriedade.

A inhóspita floresta começava a ser “domada”; o imigrante começava a reconstruir a vida e a “ucrainizar” o seu novo mundo. Porém, para uma definitiva “ucrainização” do território, lhes faltava uma igreja; símbolo primordial para selar sua presença na colônia.

1.3 Necessidade de um centro religioso e cultural

A organização do mundo religioso e cultural dos ucranianos é manifestamente um dos mais notáveis de todos os povos que colonizaram o sul do país.

Acima de todas as necessidades pessoais e coletivas, os imigrantes colocaram a preocupação de instalar em sua nova terra o “mundo religioso”. Ainda antes de terem uma boa casa, uma propriedade organizada e equipada, os ucranianos deram preferência à

construção de uma igreja, considerada a “raiz” que nutriria e preservaria a identidade da colônia e dos futuros descendentes.

Para o imigrante, uma colônia sem igreja era considerada uma colônia sem futuro. As propriedades por si só: casas, lavouras e animais, não serviam como elementos dignos para demarcar o território como pertencente a um grupo. Não ter uma igreja era abrir espaço para o domínio de outro povo, isto é, deixar-se subordinar por estranhos.

A formação das propriedades ainda estava longe de ser a que os imigrantes sonhavam. O acesso às propriedades era efetuado através de picadas abertas em meio às matas. As casas eram rústicas e as lavouras recém-formadas; o povo não tinha dinheiro. Daí como construir uma igreja? Com que condições? Para os imigrantes, igreja deveria ser “A Igreja” e não uma simples “casa”. Para a edificação de um templo, muitas eram as exigências que vinham impregnadas em sua tradição cultural. A igreja não poderia ser construída em qualquer local e nem de qualquer jeito; a construção, deveria ser em um local que denunciasse a presença do “sagrado”.

1.4 Processo de escolha e sacralização do terreno para a igreja

Para o historiador das ciências da religião Mircea Eliade, (*O Sagrado e O Profano*, [sd]) o homem religioso vive em meio a dois espaços: há o espaço sagrado e o espaço profano.

O espaço sagrado é o diferente, é o incomum, aquele espaço dotado de um significado particular para o homem como o do “centro do mundo”, como o lugar do encontro com a Divindade. Ao contrário, o espaço profano é o indefinido, o corriqueiro, aquele espaço do dia a dia, sem significado especial e particular.

Segundo Jorge Simões (1994), para a escolha e sacralização de um território há um “corte espacial que descobre e determina o ‘ponto fixo’, o centro a partir do qual emana o Sagrado. O homem religioso funda o seu mundo numa definição de centro orientada para uma projeção cósmica, porque o ‘seu mundo’ é um universo no qual o sagrado permanece presente. Igrejas, Templos, são marcos espaciais cujas portas estabelecem o limiar, a fronteira de separação entre mundos opostos. No seu interior, o profano é transcendido,

havendo a possibilidade de comunicação direta com os deuses: os templos ‘re-santificam’ continuamente esse mundo que ele representa e contém”³.

Essa sacralização do espaço sofre vários processos. Primeiramente, todo o espaço é profano, ou seja, comum e sem significado especial. O espaço sagrado da colônia Legru, isto é, o local que a igreja seria construída, em primeiro lugar foi investigado no espaço profano, isto é, num terreno comum.

Os imigrantes, após conhecerem o terreno e estudá-lo, dominaram os espectros mundanos presentes (jogaram fora as pedras, roçaram o mato, fizeram destocamento, aplainaram a terra e proibiram a desnecessária entrada de animais e pessoas), depois de dominado os caracteres que o tornavam profano, corriqueiro, comum, o espaço foi delimitado e consagrado “Santo”. Agora, nesse espaço haveria limites! O comportamento do homem neste local deverá ser diferente.

O local escolhido, recebia a fixação de uma cruz. E segundo Mircea Eliade, tal ação equivale à consagração do espaço como “espaço sagrado”, “renovado” e “recriado” pela Cruz.

A edificação de um Templo significaria para este povo o “fixar definitivo” de sua identidade étnica e cultural.

Num primeiro momento, os imigrantes ucranianos uniram-se com os poloneses e decidiram construir uma igreja em conjunto, no entanto, a união espiritual entre eles não foi avante, porque os mundos religiosos eram diferentes, as cosmovisões, as práticas litúrgicas, o rito, os costumes, a língua, em fim, tudo era estranho para os ucranianos, quanto para os poloneses. Então os ucranianos decidiram abandonar os poloneses e construir sua própria igreja.

1.5 A escolha e consagração do novo espaço

Os ucranianos, após a ruptura com os poloneses, iniciaram uma averiguação nos terrenos da comunidade a fim de encontrar o lugar onde poderiam estabelecer o “centro religioso” que os orientaria para o futuro.

³ Cf., JORGE, Simões J. *Cultura Religiosa*. São Paulo: Edições Loyola, 1994, p. 35 – 36.

A escolha do “espaço sagrado” pelo povo ucraniano foi repleta de simbolismos, significados e também de brigas pela disputa do novo local para a construção. A procura por um novo espaço dividiu os ucranianos. O primeiro local apontado não tinha a aprovação de todos.

Talvez desprovido de uma completa hierofania, isto é, de uma “manifestação do sagrado”, o primeiro local próprio dos ucranianos que fora escolhido e no qual ocorreu a primeira celebração da Divina Liturgia em frente apenas da cruz fixada na terra. Mesmo, após, todo o processo de escolha que a tradição exigia, parecia que o local não condizia com os ideais exigidos pelo povo. O então “espaço sagrado” deixava a desejar, o povo sentia que algo lhes faltava, além do mais, tornara-se causa de brigas e disputas em querer trazer a construção da igreja para perto de si.

Era preciso encontrar outro lugar que tornasse a comunicação com o mundo celestial acessível. Que após construírem o templo, no “interior deste recinto sagrado, o mundo profano fosse transcendido”⁴.

Percebendo que uma divisão entre os próprios imigrantes poderia acarretar na dispersão dos mesmos, o acordo entre os ucranianos foi em construir a igreja no centro da colônia.

1.6 Construção da igreja ucraniana da colônia Legru

A exigência dos ucranianos quanto ao local “certo” para a edificação de um templo tem raízes numa tradição pagã surgida em épocas remotas que foi adotada pelo cristianismo oriental, onde os templos não só serviam como espaço de expressão da fé, mas também de moradia especial dos deuses.

Este era o motivo do zelo e cuidado que os ucranianos tinham no delimitar de um espaço. No templo, o “nosso mundo” considerado por eles, deveria ser transcendido, para isso, os ucranianos colaboravam construindo suas igrejas em lugares elevados.

Um exemplo prático para explicar este costume, é apresentado por Mircea Eliade sobre os povos Orientais: o da “montanha Cômica” que pela sua altitude “liga a terra ao céu

⁴ ELIADE, Mircea. *O Sagrado e O Profano*. Lisboa: Edição Livros do Brasil, coleção vida e cultura [sd], p. 40.

e de algum modo toca o céu e marca por consequência, o ponto mais alto do mundo”⁵. Esta devoção pelos locais altos, não é somente dos povos orientais, mas é proclamada por várias tradições. Eliade cita-nos, que para os “palestinos, a Palestina era a região mais elevada e por isso não foi submersa pelo dilúvio; para os islâmicos, o lugar mais elevado da Terra era o Kâaba; para os cristãos era o Gólgota que se encontrava no cume da montanha cósmica”⁶.

Os terrenos elevados simbolizam na Sagrada Escritura o ponto de encontro entre o humano e o divino. É o local ideal para a fala e contato com Deus.

Para os ucranianos, estes detalhes estavam presentes em sua herança cultural e religiosa. Por isso, o “novo local” escolhido e sacralizado pelos imigrantes da colônia Legru, foi num dos pontos mais altos da comunidade, localizado na propriedade do Senhor Estefano Skambara. Neste lugar, ergueram a “igreja” e aos arredores, estabeleceram suas propriedades.

A construção no lugar certo tinha por excelência uma grande importância para os ucranianos. Segundo Olga Korczagin:

Os imigrantes, andando nestes locais elevados que lhe manifestavam interesse, transpiravam o ar pausadamente, analisavam o nascer e o por do sol, verificavam a posição do vento, certificavam-se se nestes locais não houve assassinatos ou epidemias, se algo deste tipo tivesse acontecido, não construíam. Esta busca do ucraniano pela altura fazia parte da vida deles. Nossa vida na terra é um constante crescimento. Por isso, esta era uma ideologia que o ucraniano almejava: “subir na vida espiritual”⁷.

O comentário da Sra. Olga Korczagin e o estudo de Mircea Eliade servem-nos para validar as informações concedidas pelos entrevistados que este pesquisador recorreu, pois na colônia Legru o espaço para a construção da igreja foi incorporado ao corpo da serra. Segundo André Pereima, à base de pás e picaretas, o povo aplainou uma parte da serra preparando o local no qual construiriam sua “Tzérkva”, (igreja)⁸.

⁵ *Ibid.*, p. 51.

⁶ *Ibid.*, p. 52.

⁷ GASPERIN, Neomir. *Caderno de Campo*: relato escrito concedido por Olga Korczagin, v. 8, Curitiba, 2010, p.1.

⁸ GASPERIN, Neomir. *Caderno de Campo*: relato escrito concedido por André Pereima, v. 2, colônia Legru, 2009, p. 8.

Segundo Paulina Holovate, a igreja Ucraniana da colônia Legru só foi construída graças aos “mutirões” que o povo fazia. Estes mutirões estabeleceram uma relação afetiva fundamental do edifício com a população⁹.

Muitas foram às dificuldades enfrentadas. A madeira utilizada na construção foi tirada ao pé da serra, portanto, o imigrante tinha que transportá-la nas costas para o topo da serra. De acordo com André Pereima, “às vezes era necessário dois até mais homens para transportar uma torra de imbuia até o local da construção”¹⁰.

O processo para fazer a madeira, tábuas, ripas, vigas, caibros, foi o que mais deu trabalho aos imigrantes. Segundo Pereima:

Ouvia dos antigos que para fazer as tabua, eles erguiam a tora num estaleiro, se as vezes a tora era muito pesada, eles faziam um estaleiro baixo, dai cavocavam uma valeta por baixo. O homem que tava embaixo do estaleiro empurrava a serra pra cima e aquele que tava em cima empurrava a serra pra baixo. (mostra como faziam), a serra cortava só empurrando pra baixo, os dente da serra era igual bico de papagaio. (foi perguntado quantas tabuas faziam por dia) Dizem que levavam mais ou menos vinte minutos para fazer uma tabua. Os Vósniak (família que se autodenominava polonesa) faziam uma dúzia por dia, eles já tinham mais pratica. Os ucraino, como não tinham pratica, faziam a tora ficar quadrada (laterais retas), daí iam serrar pra faze a madeira, então desperdiçavam muita madeira com as lascas que eram jogadas fora¹¹.

A ansiedade dos imigrantes em ter um ambiente próprio para o culto a Deus no rito próprio, envolveu toda a comunidade ucraniana. Não só homens trabalharam, mas também as mulheres, estas, estavam com seus maridos ajudando em todos os serviços. A colaboração das mulheres na construção da igreja foi do inicio ao fim. Citam-nos, André Pereima, Ana Vodiane e Paulina Holovate que, enquanto os homens trabalhavam com a madeira pesada, as mulheres transportavam nas costas, tábuas, pranchões e ripas. Às crianças, cabia à tarefa de carregar do mato até o local da construção, as tabuinhas que seriam utilizadas na cobertura da igreja¹².

Segundo os dados contidos na escritura da igreja, o terreno escolhido pelo povo foi adquirido como propriedade da comunidade no dia 05 de maio de 1903, através de uma

⁹ GASPERIN, Neomir. *Caderno de Campo*: relato escrito concedido por Paulina Holovate, v. 1, colônia Legru, 2009, p. 3.

¹⁰ GASPERIN, Neomir. *Caderno de Campo*: relato escrito concedido por André Pereima, v. 2, colônia Legru, 2009, p. 7.

¹¹ *Ibid.*, p. 8.

¹² *Ibid.*, p. 6.

doação de Stephano Skambara e da sua esposa Pelágia Skambara. A escritura e o marco existente no interior da igreja precisam que a sua construção levou exatamente um ano, sendo inaugurada no dia 06 de maio de 1904.

Os principais construtores desta igreja são os senhores: Demétrio Kuchpillh (carpinteiro mestre da obra), Basílio Zvaritz, Simão Kchondzek, Basílio Jarenko, André Kudrek, Sr. Trehuk, Daniel Holovate, Estefano Jamniúk, Frederico Boiko, Honofre Preveda, Sr. Solotke, Estefano Vodiane, Jorge Tonkio, Nicolau Tonkio, Nicolau Juk, Nicolau Skibinski, Estefano Skambara, André Chorne, Antônio Zastavnei, Miguel Scheremeta, e outros. Destes, ainda merecem maior destaque: Demétrio Kuchpillh, Honofre Preveda e Estefano Vodiane, estes, foram os construtores que só pararam quando a obra foi concluída.

Construída em madeira, os imigrantes deram à Igreja Ucraniana São João Batista detalhes marcantes da arquitetura bizantina ucraniana, como por exemplo: os telhados e a cúpula; elementos estilísticos imprescindíveis na caracterização do edifício. Outro grande detalhe da arquitetura Bizantina, identificada na igreja da colônia é a sua planta, chamada “planta cruz”, formada por três partes, (quebras / módulos) identificada na língua ucraniana como zrub (зруб), cada qual com um telhado próprio, sendo a cobertura da nave a mais alta que as demais.

As toras usadas para o embasamento do edifício foram trabalhadas pelos imigrantes que as falquejavam, desbastando os troncos, transformando a esfera circular em retangular. Acima destas peças foram assentados “pranchões” de cedro, todos cepilhados a mão com o “cepilho” (гимбил / гимблик) formando o assoalho da igreja. Tanto as toras utilizadas no embasamento, quanto os pranchões foram amarrados estruturalmente, utilizando-se de encaixes, sem o uso de pregos, nas quinas do edifício. As paredes são duplas. A parte interna foi toda cepilhada de modo a facilitar as pinturas.

A igreja São João Batista é uma construção do final do século XIX e início do século XX composta de hall de entrada, nave principal, altar, sacristia e um coro (хор).

A representação arquitetônica é construída a partir do simbolismo cósmico. “A igreja é concebida como imitação de Jerusalém Celeste, reproduzindo o paraíso e o mundo celeste”. “A igreja é imago e axis mundi”. “É um arquétipo Celestial”, “A forma, as medidas e o modelo refletem o domínio sagrado. É uma presença imanente – transcendente na qual o culto a divindade é atualizado”¹³.

¹³ ELIADE, Mircea. *apud.*, HANICZ, Teodoro. *Ultimo andar*: Caderno de pesquisa em ciências da religião. São Paulo: Educ, 1998, p.86.

Na igreja Ucrâniana da colônia Legru, este simbolismo está fortemente presente. Construída em uma grande elevação, com uma modesta cúpula revestida de zinco no centro da nave, mais duas cruzeiras no primeiro e terceiro zrub (quebra / módulo). A igreja da colônia obedece ao eixo longitudinal Leste – Oeste (nascente / poente), cujo significado manifesta a religiosidade deste povo.

Segundo Teodoro Hanicz, o altar das igrejas mais antigas está todos voltados para o Leste, por que os imigrantes ucranianos tinham a concepção de que o “Oriente é o lugar de onde vem a luz; a porta da entrada está no ocidente, lugar das trevas”. Essa simbologia expressa o movimento de passagem: entra-se pela porta do Ocidente (trevas) rumo ao Oriente (luz), ou seja, entrar na igreja significa sair das trevas e entrar na luz ¹⁴.

Longe de ser um majestoso templo, a igreja da colônia Legru, mesmo sendo uma construção rústica e simples para os dias atuais, para a época em que os imigrantes tinham apenas o necessário para sobreviver, era “grandiosa”. Nesta igreja observamos uma extraordinária capacidade dos imigrantes em criar arquitetura com proporção e harmonia. O espaço da igreja distribuído em zrub (quebras / módulos) não é defasado como em muitas construções retangulares modernas, o sagrado não perde “força”, antes, essa “força”, é “reforçada” pela delimitação dos diferentes espaços e pela iconografia.

Segundo Mircea Eliade, as quatro partes do interior da igreja simbolizam a antiga concepção de quatro direções do mundo.

O interior da igreja é o universo. O Altar é o paraíso, que foi transferido para o oriente. A porta imperial do altar denomina-se também porta do paraíso. Na semana da Páscoa permanece aberta, durante todo o serviço divino, a porta principal no altar; o sentido deste costume expressa-se claramente no cânone pascal: ‘Cristo ressurgiu do túmulo e abriu-nos as portas do paraíso’. Pelo contrario o ocidente é a região da escuridão da tristeza da morte, a região das moradas eternas dos falecidos, que aguardam a ressurreição do juízo final. O meio do edifício da igreja representa a terra. ‘Segundo a representação de Kosmas Indikopleustes, a Terra é quadrada e limitada por quatro paredes, cobertas por uma cúpula. Por isso as quatro paredes do interior da igreja simbolizam as quatro direções do mundo’¹⁵.

¹⁴ Cf., HANICZ, Teodoro. *Ultimo andar*: Caderno de pesquisa em ciências da religião. São Paulo: Educ, 1998, p.87.

¹⁵ SEDLMAYR, *apud.*, ELIADE, Mircea. *O Sagrado e O Profano*. Lisboa: Edição livros do Brasil, coleção vida e cultura, sd, p. 74.

Para Mircea Eliade, a estrutura cosmológica dos edifícios sagrados, ainda persiste na consciência da cristandade e a estrutura cosmológica é evidente na Igreja Bizantina. Para estes povos, e de modo especial dizemos para os ucranianos, a “Igreja é considerada como imitação de Jerusalém celeste, e isto já desde os tempos patrísticos; por outro lado, reproduz igualmente o paraíso ou o mundo celeste¹⁶ .

Outros detalhes que os imigrantes utilizaram para marcar o seu “Espaço Sagrado” é a implantação do campanário, a fixação da Cruz das missões em frente à igreja, um pavilhão para eventos festivos e um cemitério.

A religiosidade deste povo também é visível nos afazeres do cotidiano, na sua propriedade e na sua casa.

1.7 A manifestação da religiosidade no cotidiano

Mencionamos anteriormente que “espaço sagrado” é o incomum, o diferente, aquele impregnado de valor especial, e o “espaço profano” definimos como aquele espaço corriqueiro, sem significado especial. Porém, a habitação sendo um espaço comum, do dia a dia, equivaleria a um espaço “profano”, mas para os imigrantes ucranianos este espaço aparentemente profano está repleto de traços religiosos, o que o torna “diferente”, “sagrado”.

Segundo Mircea Eliade, a habitação comporta um aspecto sagrado pelo próprio fato de refletir o mundo¹⁷, isto é, a casa é o reflexo da vida familiar, dos hábitos, dos costumes, é um reflexo das características do povo que a habita e da cultura em que vivem.

Nas propriedades das famílias mais tradicionais é comum encontrar a presença de símbolos religiosos: uma cruz na porta da casa ou paiol, ou ainda, o retrato de um santo recortado de um calendário e fixado junto à parede da garagem ou do paiol. A presença destes símbolos religiosos faz o povo sentir-se protegido por entidades sagradas e sobrenaturais.

As paredes das casas são cobertas com quadros, ícones, imagens de santos e fotografias de parentes, assim como algumas lembranças de rituais de batismo, crisma e comunhão do pessoal da casa.

¹⁶ ELIADE, Mircea. *O Sagrado e O Profano*. Lisboa: Edição livros do Brasil, coleção vida e cultura, sd, p. 73.

¹⁷ *Ibid.*, p. 65.

Defasando a conotação profana de ambiente corriqueiro, a “casa ultrapassa as dimensões de simples moradia, expressa e retrata como o sagrado está presente e opera no cotidiano dos ucranianos e seus descendentes e se transforma em espaço de relações não só entre membros da família, vizinhos e hóspedes, mas também de relações com o sagrado. A casa é um espaço sagrado e um pequeno santuário familiar”¹⁸ que exerce grande influencia na personalidade e caráter dos que nela habitam.

2 A IMPORTÂNCIA DO MUNDO RELIGIOSO

Apresentamos acima, a organização do mundo religioso e cultural dos imigrantes; destacamos os processos ocorridos desde a sacralização do espaço até a edificação do templo, e respectivamente a formação da comunidade nos arredores da igreja. Pretendemos nesta seção apresentar a importância que o recinto sagrado trouxe e continua tendo para o povo radicado nesta colônia; até que ponto a cultura e a religiosidade se manifestam na caminhada deste grupo.

2.1. Os benefícios da organização do mundo religioso

A permanência da religião e cultura ucraniana na colônia Legru deve-se a organização do mundo religioso efetuado pelos imigrantes. Atualmente a crença e a prática religiosa vem se mantendo há mais de um século graças aos esforços e os valores culturais aprendidos na Igreja e transmitidos de geração em geração.

A organização do espaço específico dos ucranianos foi fundamental contra a dispersão destes imigrantes. A igreja dos ucranianos da colônia Legru, destaca-se pela sua beleza arcaica e valor histórico. O povo orgulha-se de ter uma igreja assim e todos vangloriam-se dizendo que seus pais e avós colaboraram para a construção.

A organização deste mundo foi de grande importância para este grupo, além de fixar definitivamente a presença ucraniana, possibilitou a manutenção da unidade linguística, das suas crenças, do seu rito, dos seus costumes e tradições, assim como,

¹⁸ HANICZ, Teodoro. *Religião, rito e identidade*: Estudo de uma colônia ucraniana no Paraná. São Paulo: 1996, p. 131.

fortaleceu os laços de amizades e o contato dos imigrantes ucranianos com outros ucranianos, localizados nas colônias vizinhas e demais etnias.

2.2 Influência da cultura espiritual nas famílias

Na colônia Legru, a influência da Igreja resume-se nas palavras de André Pereima, que revela-nos o lema da educação utilizado pelas famílias ucranianas: “Diante dos quadros de santos, reze; dos velhos, ajoelhe-se e peça benção, e dos tolos se afaste”¹⁹!

É comum nas famílias de descendentes ucranianos da referida colônia, ouvir dos filhos pedir a benção dos pais antes de dormir, ou quando se encontram com os avós e tios. Outro fator interessante é que os pais não deixam os filhos assoviar perto de quadros de santos, pois julgam ser falta de respeito. Esta é uma crença que faz parte do sistema religioso deste povo e que muitas vezes passa despercebida.

A presença constante dos princípios religiosos na colônia e nas famílias suscitou e está suscitando pessoas à vocação sacerdotal e religiosa.

A Igreja não influenciou somente o surgimento de vocações consagradas, mas influenciou o habitat dos ucranianos; manteve o povo ligado aos seus antepassados; prendeu os descendentes às suas raízes culturais, fazendo-os direcionar suas vidas e seus comportamentos segundo os princípios religiosos da tradição de seus pais.

Os descendentes de ucranianos da colônia Legru se identificam com tudo o que há em sua Igreja. Ao indagar sobre a frequência da família à Igreja, Otília Skambara Schipanski responde: “Aqui foi dos meus avós, dos meus pais, me criei aqui, casei aqui, batizei meus filhos”²⁰.

O apego dos moradores pelo edifício sagrado se dá pela ligação dos laços familiares, ou seja, na Igreja encontra-se um respeito pelo trabalho e suor derramado pelos antigos familiares falecidos, responsáveis pela construção.

O direcionamento das vidas segundo as normas da religião e da cultura é indiscutivelmente conduzido por um calendário litúrgico que faz um “corte” no tempo

¹⁹ GASPERIN, Neomir. *Caderno de Campo*: relato escrito concedido por André Pereima, v. 2, colônia Legru, 2009, p. 10. No original: “Перед Образо помолоши, у старшому клониши а від дурного ступиши”.

²⁰ GASPERIN, Neomir. *Caderno de Campo*: relato escrito concedido por Otília Skambara Schipanski, v. 10, colônia Legru, 2010, p. 32.

dividindo-o em tempo comum e tempo sagrado; e conseqüentemente norteando o homem no seu seguimento.

2.3 Influencia do Calendário Litúrgico

Através do calendário litúrgico, os ucranianos e seus descendentes conduziam suas vidas. Sabiam a época que era favorável para o plantio e colheita de suas lavouras; conheciam as festas, o tempo litúrgico e os dias santos de guarda.

Explica-nos Hanicz que:

Ao calendário esta ligada também a noção de tempo. O colono orienta-se pelo tempo litúrgico: Natal, Páscoa, Dia do Padroeiro, Dia Santo e mesmo o domingo são referências temporais. Para falar de qualquer acontecimento, importante ou não, é comum o colono se referir a uma festa, ou dia santo para se orientar, se localizar e aproximar datas ²¹.

Os efeitos no individuo proporcionada pelo calendário continua fortemente impregnados no dia a dia dos descendentes, principalmente no que diz respeito às práticas religiosas, festas, alimentação e costumes, que são específicos deste grupo.

As festas religiosas principais dos ucranianos são o Natal, a Páscoa e a festa do Padroeiro. O Natal é aguardado por todos. As canções natalinas “koliada” são sabidas e conhecidas por todos e entoadas em todas as famílias residentes na colônia por um grupo de cantores, os “koliedneke”, no segundo dia do Natal como forma de anunciar o nascimento de Jesus Cristo.

Ainda no período natalino, há a festa do “Jordan – Jordão – Epifania”, onde acontece a benção da água e a visita do padre as famílias com a benção das casas. O período natalino é comemorado até a festa da “Apresentação de Jesus no Templo” no segundo dia de fevereiro do calendário gregoriano.

A Páscoa para os fiéis de rito ucraniano acontece somente depois de um longo período de preparação que não inicia somente com a quaresma, ou propriamente falando na quarta-feira de cinzas. Para os ucranianos, a quaresma tem início na segunda-feira da semana

²¹ HANICZ, Teodoro. *Religião, rito e identidade*: Estudo de uma colônia ucraniana no Paraná. São Paulo: 1996, p.123.

do carnaval. Antes ainda do período quaresmal, os ucranianos tem quatro semanas de preparação espiritual para a entrada da grande quaresma, chamada: pré – quaresma, cujo objetivo é convencer através de dramáticos episódios dos evangelhos a importância da conversão e da penitência²², assim como chamar a atenção dos fiéis para a abstinência da carne e dos laticínios durante a grande quaresma, tida pelo povo ucraniano em grande estima e rigidamente observada.

A Sexta-feira Santa é, por excelência, um dia de luto, onde o povo permanece em oração, silêncio e jejum. Na igreja, a celebração deste dia é muito rica. Não há Divina Liturgia como de costume, mas há uma liturgia de exéquias muito profunda de adoração ao Santo Sudário. Após as litanias²³, inicia-se a procissão com o Santo Sudário, a Cruz e os Estandartes por três vezes ao redor da igreja. A procissão representa o funeral de Cristo. Os textos cantados exprimem profundos sentimentos de dor pela morte do Salvador. Depois da procissão, o Santo Sudário é exposto na igreja e simboliza o túmulo onde o corpo de Cristo foi sepultado. Após a sua exposição o povo canta o “tropário”²⁴: “Ó bem aventurado José (de Arimatéia) tendo descido o vosso Sagrado corpo da Cruz, envolveu-o num lençol de linho, embalsamou-o com aromas e depositou-o num sepulcro novo”²⁵.

O tropário é cantado três vezes, acompanhado de três prostrações até o chão. A partir desse momento, de joelhos, o povo inicia uma procissão em direção da “Plasthanêtha” (Santo Sudário) e inclina-se sobre ela beijando as “chagas” do sacratíssimo corpo de Cristo.

O “ar de luto” segue-se até o Sábado de Aleluia, como é falado pelos moradores do lugar, quando na igreja, acontece à bênção dos alimentos, prática levada a sério pelos membros da igreja.

No Sábado Santo o povo dirige-se a igreja, agora, levando uma cesta enfeitada de flores e coberta por uma toalha bordada, contendo as seguintes iguarias para serem abençoadas pelo sacerdote: paska, ovos cozidos, com e sem casca; ovos de galinha pintados (pêssanka), requeijão, manteiga, linguiça, carne de porco assada, sal, pimenta, toucinho, fígado de porco, frutas, vinagre e uma raiz amarga, de cheiro forte que chamam de “hrim”.

²² Nestes quatro domingos da pré-quaresma a Igreja dá ênfase nas parábolas do “Fariseu e o Publicano”; “Filho Pródigo” e partes dos evangelhos que mencionam o jejum.

²³ Cantos ou preces em série.

²⁴ Hino próprio para cada dia ou para cada ocasião em que é celebrada a Liturgia

²⁵ No Original: Благообразний Йосиф, знявши з христа пречисти тіло твоє, плащаницею чистою обвив і, пахошами покривши, у гріб новей положив.

No domingo por volta das sete ou oito horas da manhã, cada família consome os alimentos benzidos pelo padre. Antigamente, à tarde voltavam para a igreja e festejavam a Páscoa dançando, cantando canções populares e brincando “haílka”²⁶.

A religiosidade também é manifestada no dia a dia comum dos ucranianos. Uma demonstração desse espírito religioso é a saudação habitual dos ucranianos que substitui ao “Bom dia ou Boa tarde” ainda corresponde à fórmula cristã: “Slava Issússu Khrêstu” – “Glória a Jesus Cristo”, onde se responde: “Sláva na Vike” – “Glória para sempre”.

No tempo da Páscoa, os ucranianos saúdam-se dizendo: “Khrêstos Voskrés” – “Cristo Ressuscitou”, responde-se: “Voístenu Voskrés” – “verdadeiramente Ressuscitou”.

No Natal: “Khrêstos Rajdaietchia” – “Cristo Nasceu”, responde-se: “Slavímo iohó” – “Glorifiquemo-lo”. E assim durante todo o tempo litúrgico festejado.

Nos ucranianos, além das saudações, encontramos outras particularidades que acusam seu elevado grau de religiosidade, como por exemplo, o Sinal da Cruz, feito três vezes sobre o corpo e com uma singularidade própria: a junção de três dedos, simbolizando a Santíssima Trindade. O Sinal da Cruz é repetido inúmeras vezes, não somente nos atos litúrgicos, mas em variadas situações.

Relata-nos André Pereima, que muitos imigrantes e descendentes, nunca iniciavam ou concluíam um trabalho sem antes fazer o sinal da cruz ou invocar a intercessão Divina. Diz André:

Tinha uma época, que quando chegava a hora de colher o trigo, os ucraino cortavam um snip (feiche) de trigo bem bonito (viçoso e carregado de cachos), se reuniam em volta dele e delhe koliadá (começavam a cantar canções natalinas), depois guardavam a semente pro plantio do próximo ano ²⁷.

Vários outros elementos religiosos podem ser verificado no cotidiano dos ucranianos:

- Na época do plantio das lavouras, o ucraniano mais tradicional enterra nos quatro cantos da roça ou lavoura um punhado de sementes bentas, ou mistura-as em meio às outras sementes, pois acredita, que assim, a lavoura ficará protegida de pragas e intempéries do tempo.

²⁶ Brincadeira realizada no pátio da igreja; simboliza a festa da primavera e que na Ucrânia coincide com a Páscoa.

²⁷ GASPERIN, Neomir. *Caderno de Campo*: relato escrito concedido por André Pereima, v. 2, colônia Legru, 2009, p. 12.

- Quando um ucraniano está desenvolvendo um trabalho e próximo dele passa outro descendente, este irá cumprimentá-lo dizendo: “Dai Bóje Sthástia” (Deus dai sorte), no sentido de desejar sorte no trabalho e proteção de Deus contra um acidente de trabalho; ao receber este cumprimento o trabalhador dirá: “Dai nam Bóje i Boje vam” (Dai Deus para nós e para vocês).

- Ao despedir-se de outra pessoa ucraniana, dizem: “Buth z doróvi” (fique com saúde) ou “Buth z Bohom” (fique com Deus), igualmente se responde: “Idith z Doróvi” (vai com saúde) ou “Idith z Bohom” (vai com Deus).

- Se na propriedade as coisas não estão indo muito bem, parece que tudo está dando errado, costuma-se incensar a propriedade queimando ramos bentos.

- Na sexta-feira santa, há um costume em algumas famílias de cada membro da casa plantar um dente de alho. Fazendo isto, acreditam que estarão protegidos o ano todo contra ataques de animais peçonhentos.

- Quando uma tempestade está se aproximando ou outros infortúnios, acendem vela benta e pedem que Deus os livre do mal e dos perigos.

- Há períodos do ano em que após a Divina Liturgia se faz benção de flores, frutas, sementes, ramos, água, velas e alimentos.

É muito comum ao andar a pé pela estrada, ouvir das casas a transmissão da Divina Liturgia da Paróquia São Basílio Magno de União da Vitória em alto volume. Isso fazem porque na comunidade a Divina Liturgia não é celebrada todos os domingos, então os fiéis acompanham a celebração para amenizar suas necessidades espirituais e ouvir o dia da próxima celebração na comunidade.

A Divina Liturgia é de todas as manifestações religiosas mencionadas a mais bela e visível. Ela é por excelência a característica principal que difere este povo dos demais grupos étnicos.

Na colônia Legru, mesmo diante das dificuldades sentidas em preservar as tradições, a Divina Liturgia Bizantina continua sendo celebrada e cantada na língua ucraniana por todos os presentes, principalmente os jovens. Há um grande interesse dos jovens, a maioria meninas, de aprender a cantar as melodias da Divina Liturgia. Para isso, são realizados ensaios de cantos nas férias de julho e fim de ano com o seminarista da comunidade ou com outras pessoas entendidas em cantos.

A igreja São João Batista é o maior tesouro dos ucranianos da colônia Legru. E desejando mantê-la por mais anos, os moradores descendentes tentam conseguir, com ajuda das autoridades políticas do município, verbas para a restauração da igreja, mantenedora da sua identidade cultural e religiosa.

A organização da colônia em propriedades, casas, lavouras, escola e igreja, foi imprescindível contra a dispersão do grupo. A construção de uma igreja própria foi fundamental para o povo, significou a fixação definitiva da presença ucraniana na comunidade. A igreja tornou-se o marco, o limiar que separava e demarcava dois mundos culturais diferentes: ucranianos e poloneses.

A permanência da identidade étnica deve-se à construção do espaço sagrado e da organização do mundo religioso. A Igreja segurou os descendentes de ucranianos unidos. Manteve-os ligados e apegados a sua herança cultural e religiosa. Graças à manutenção e influência do mundo religioso nas famílias, a língua, os costumes, a cultura e a tradição bizantina ucraniana vêm se mantendo por mais de 120 anos de Imigração Ucraniana no Brasil.

CONCLUSÃO

Ao estudarmos “Religiosidade e identidade: os ucranianos da colônia Legru”, procuramos revelar a organização e a importância do mundo religioso e cultural de um grupo de ucranianos radicados no interior do Município de Porto União.

Chamou-nos atenção o fato dos imigrantes, antes de adquirirem uma boa casa ou propriedade, se preocuparam em ter um local para dirigir suas orações e preces.

A ênfase dada ao mundo religioso dos ucranianos corresponde ao universo sagrado em que viveram e no qual vivem. A organização da colônia em propriedades, casas, lavouras, escola e igreja, foi imprescindível contra a dispersão do grupo, porém, a construção de uma igreja própria foi fundamental para o povo, significou a fixação definitiva da presença ucraniana na comunidade. A igreja tornou-se o marco, o limiar que separava e demarcava dois mundos culturais diferentes: o mundo dos ucranianos e o mundo dos poloneses.

Considerando o pequeno número de famílias fiéis à igreja ucraniana na colônia nos últimos 30 anos, chamou-nos a atenção, a persistência e a garra com que lutam para preservar a cultura e a religião de seus pais.

É certo que muitos costumes já foram extintos da comunidade, porém, vários outros continuam vivos assim como foram outrora. Dentre estes, destacamos: a celebração da Divina Liturgia, ainda celebrada e cantada na língua ucraniana; canções de Natal (koliada), sabida e conhecida pela maioria dos descendentes; visita dos “kolhiednekê” (cantores) nas famílias; praticas quaresmais como jejum, penitência e adoração a “Plasthanêtha” (Santo Sudário); “poklones”; bênção de água, velas, flores, frutos, sementes, ramos, alimentos, assim como, uma infinidade de práticas religiosas inseridas no dia a dia.

Ao observarmos o cotidiano dos descendentes de imigrantes ucranianos, tivemos a oportunidade de conhecer de perto a importância da dimensão religiosa deste povo. A permanência da identidade étnica deve-se à construção do espaço sagrado e da organização do mundo religioso.

A Igreja segurou os descendentes de ucranianos unidos. Manteve-os ligados e apegados a sua herança cultural e religiosa. Graças à manutenção e influência do mundo religioso nas famílias, a língua, os costumes, a cultura e a tradição bizantina ucraniana vêm se mantendo por mais de 120 anos de imigração em território brasileiro.

Referências

ELIADE, Mircea. *O Sagrado e O Profano*. Lisboa: Edição Livros do Brasil, coleção vida e cultura [sd].

GASPERIN, Neomir. *Colônia Legru: Identidade, cultura e religiosidade*. Curitiba: 2010.

HANICZ, Teodoro. *Religião, rito e identidade: Estudo de uma colônia ucraniana no Paraná*. São Paulo: 1996.

HANICZ, Teodoro. *Ultimo andar: Caderno de pesquisa em ciências da religião*. São Paulo: Educ, 1998.

JORGE, Simões J. *Cultura Religiosa*. São Paulo: Edições Loyola, 1994.

Fontes orais

ANDRÉ PEREIMA e ANA VODIANE PEREIMA. *Entrevistas concedidas ao autor*. 23/12/2009; 27/12/2009; 20/01/2010; 23/01/2010; 12/07/2010 e 17/07/2010. Colônia Legru.

OLGA KORCZAGIN. *Entrevista concedida ao autor*. 07/03/2010. Curitiba.

OTÍLIA SKAMBARA SCHIPANSKI. *Entrevista concedida ao autor*. 28/01/2010. Colônia Legru.

PAULINA HOLOVATE CHORNE. *Entrevistas concedidas ao autor*. 19/12/2009; 01/01/2010 e 07/01/2010. Colônia Legru.